



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9156 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

HOMOFOBIA E DOCÊNCIA NO CONTEXTO DA ESCOLA BÁSICA EM CASTANHAL PARÁ

Jardinelio Reis da Silva - UEPA - Universidade do Estado do Pará

HOMOFOBIA E DOCÊNCIA NO CONTEXTO DA ESCOLA BÁSICA EM CASTANHAL PARÁ

RESUMO: A questão central que norteou essa pesquisa se referiu a como professores e professoras homossexuais que tornam pública sua orientação sexual experienciam o cotidiano escolar heteronormativo, se têm que lidar com a homofobia e em que medida isto interfere em suas práticas pedagógicas, na cidade de Castanhal-PA. É uma pesquisa de cunho qualitativo com enfoque na fenomenologia social de Alfred Schütz, teve a entrevista narrativa de Fritz Schutze como instrumento de reunião de dados e o método documentário adaptado por Bohnsack e Weller para análise de dados. Como resultado pode-se identificar dois modelos de orientação da ação da homofobia sobre os/as docentes: Estado de aprisionamento e Pedagogia da diversidade.

Palavras-chaves: Educação; Prática docente; Docente homossexual; Heteronormatividade; Homofobia

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa buscou compreender como a homofobia se faz presente nas trajetórias profissionais e pessoais de professores gays e professoras lésbicas, dada sua convivência com estudantes, seus familiares e colegas de profissão em um ambiente que reproduz a heteronormatividade. A questão central que norteou essa pesquisa se referiu a como professores e professoras homossexuais que tornam pública sua orientação sexual experienciam o cotidiano escolar heteronormativo, se têm que lidar com a homofobia e em que medida isto interfere em suas práticas pedagógicas.

Os aportes teóricos utilizados procuraram articular a homossexualidade, homofobia e educação voltadas para a escola básica. O caminho metodológico perpassou pela pesquisa qualitativa com enfoque na fenomenologia social e o método documentário para análise das narrativas, buscando sentidos e significados nas histórias sobre a homofobia que a permeia a vida dos/das docentes homossexuais.

O texto tem como base a dissertação de mestrado do autor. Para este trabalho, apresentam-se resultados da homofobia vivida no contexto da escola básica. Aqui dividida em cinco partes: na primeira, uma discussão sobre homofobia e escola; na segunda, a metodologia; na terceira e quarta, a análise de algumas narrativas sobre homofobia e docência; na quinta, as considerações finais.

HOMOFOBIA E ESCOLA

A violência gratuita a homossexuais é fruto de um discurso ainda vigente e dominante que a escola reproduz de uma heterossexualidade compulsória pautada no biologicismo em

que “os homens possuem apenas uma orientação inata – sexual, que os dirige para as mulheres – enquanto as mulheres possuem duas orientações inatas, a sexual voltada para os homens e a reprodutiva dirigida para sua prole” (RICHE, 2010, p. 21).

Bassalo (2012) alerta que é necessário compreender o papel da escola nessa discussão, pois nos leva a buscar mecanismos para diminuir com essas violências contra pessoa de orientação não heterossexual, pois deve-se usar esse espaço para conscientizar que a orientação da sexualidade é múltipla e não somente binária, trabalhando assim para uma sociedade menos preconceituosa.

Borillo (2016) ressalta que o termo homofobia é polissêmico e plural. Junqueira (2012) identifica como um conjunto de emoções negativas (tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo) em relação a pessoas homossexuais ou assim identificadas. O autor enfatiza ainda que a homofobia diz respeito à atitude de hostilidade para com as pessoas homossexuais, sendo mais do que uma simples rejeição irracional e sim uma manifestação que considera o outro como contrário, inferior ou anormal.

Destaca-se que no dia treze de junho deste ano de dois mil e dezenove, o superior tribunal federal aprovou a criminalização da homofobia. Hoje, a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero é crime. Por oito votos a três, os ministros determinaram que essa violência seja punida pela lei do racismo (7716/89), que até então previa crimes de discriminação por “raça, cor, etnia, religião e procedência nacional”, agora acrescenta a homofobia.

No entanto, ainda se vive no Brasil um momento de retrocesso de direitos por um neoconservadorismo presente na sociedade, em especial nos políticos de extrema direita liderados pelo presidente Jair Bolsonaro, que tem como um dos principais alvos a população Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Queer, Intersexos e outras denominações - LGBTQI (CARVALHO, 2016). Na educação, isso refletiu na Base Nacional Comum Curricular de 2017 onde se retirou os termos de gênero e sexualidade que garantiria essa discussão na escola básica. Mesmo com essa medida, ainda é de se esperar que a escola reflita essa realidade intensificando mais ainda o combate a homofobia, num currículo oculto (SILVA, 2000) dentro de seus muros que pode atingir estudantes, funcionários/as e professores/as LGBTQI.

METODOLOGIA

A pesquisa tem abordagem qualitativa com enfoque na fenomenologia social buscando os atos e experiências interpretadas, acumuladas e sedimentadas, na vida consciente do sujeito, dadas no interrelacionamento social (SCHÜTZ, 1970).

Utilizou-se da Entrevista Narrativa de Fritz Schutze (2013) como técnica de reunião de dados. A análise se deu com o Método Documentário de Mannheim (1921/1922), na adaptação de Bonsach e Weller (2013). Deu-se em três etapas: 1) interpretação formulada: organizando tópicos discutidos na entrevista e selecionado os temas que serão analisados. 2) a interpretação refletida: montando o “quadro de orientação” ou “quadro de referência” (*frame*). 3) Análise comparativa: verificando as diferenças e semelhanças e modos de homofobia vivenciada pelo indivíduo (WELLER, 2005). Como último passo, verificou-se, identificou-se e nomeou-se os modelos de orientação (estado de aprisionamento e pedagogia da diversidade) que apareceram nas falas dos sujeitos como orientadores de suas ações no cotidiano e nas práticas pedagógicas.

O lócus foi a cidade de Castanhal-PA, que está localizada no nordeste paraense distante 65 km da Capital Belém. Os sujeitos foram professores gays e professoras lésbicas,

abertamente homossexuais, em exercício da docência na educação básica, atuantes na rede municipal de ensino de Castanhal-PA. Foram então realizadas 6 (seis) entrevistas, destas, 3 (três) com professores gays e 3 (três) com professoras lésbicas. Os gays se apresentaram como homem cisgênero e as lésbicas como mulheres cisgênero. Os entrevistados têm entre 32 e 43 anos, com atuação mínima de 10 anos de magistério. Para identificação dos sujeitos, utilizaremos as letras do alfabeto nomeando-os de acordo com a ordem da entrevista, seguidas de *m* para indicar masculino e *f* para referir-se ao feminino. Na ordem dos entrevistados temos Am, Bf, Cf, Dm, Ef e Fm.

RELAÇÃO COM A COMUNIDADE ESCOLAR

Este tópico buscou identificar indícios de homofobia na relação entre professores/as homossexuais e comunidade escolar.

A diretora que –tava em campanha, ela começou a dizer, por exemplo, “Olha, agora a Ef é do capeta. Ela não acredita mais nem em Deus. Ela não que mais nem que reze na escola”. Não sei o que... porque na época eu falei para algumas professoras que a gente tinha que ter o cuidado de puxar orações dentro da escola. Ela é laica e podia estar ofendendo porque além da gente chamar pra uma oração, a gente dizia “Vamo lá, feche seus olhos, segure a mão”. Fica forçando uma situação. E que pra mim é muito pior, e que assim tu não tá levando Deus, tu não tá levando nada. Muito pelo contrário, só tá ofendendo a pessoa. Por conta dessa fala, ela foi dizer que agora, porque eu tava numa relação estável, eu era do demônio, então isso eu vivenciei nessa situação assim, mas já foi mais atualmente. (EF, 2019)

Ef viveu a homofobia no ambiente escolar. Verifica-se um enquadramento homofóbico de cunho religioso feito pela diretora onde a pessoa que desvia da norma padrão deve estar possuída pelo espírito do mal que se incorporou no corpo de uma mulher, tornando-a lésbica. Bento (2011) salienta que “passamos a entender a homofobia enquanto uma prática e um valor que atravessa e organiza as ações sociais, distribui poder e regula comportamentos” (p. 556). Um verdadeiro estado de aprisionamento homofóbico.

Fm relatou que

Têm muitos pais assim de anos anteriores que já foram lá na direção e direção veio até mim, dizendo que queriam que seus filhos ficassem comigo. [...] Por quê? Eu tenho muito carisma por essas crianças, eu brigo por eles, porque pra mim assim, eles têm uns assim que me chama até de pai, acredita? [...] Eles chegam me abraçam, me beijam. (FM, 2019)

Diferente de EF, seu relato apresenta uma boa relação com os pais de alunos. Consideram o bom desempenho do professor que com suas metodologias, postura e afeto para com as crianças, por isso buscam sua chefia ‘diretor’ para solicitar a continuidade do trabalho. Por esta fala, verifica-se que o professor alcançou o que adverte Junqueira (2012) reforça que para problematiza-la (a homofobia) e subvertê-la, necessita-se de pedagogias, posturas e arranjos institucionais eficazes. Desta forma, estabeleceu-se uma boa relação com as famílias.

VIVÊNCIAS DE HOMOFOBIA

A professora também demonstra atitudes pedagógicas de desconstrução do gênero em ambientes escolares.

“Tia, ele só vive me xingando. Vive me xingando. Fica me chamando de sapatão o tempo inteiro, de mulher-macho” [...] Pra escola era só uma menina que tinha mal comportamento, agressiva, sabe? Até que teve um dia no 6º ano... Ela já estava no 6º ano que... ela foi ao banheiro e tinha umas meninas fazendo coisa errada no banheiro eu não sei te dizer exatamente o quê que era=e ela disse assim “Eu vou falar pra professora”. E ela veio. Nisso que ela saiu, todo mundo começou a rir e xingar ela, cantar música esdrúxulas pra ela, músicas ofensivas. Aí ela não aguentou. Ela voltou. E quando ela voltou; ela já voltou batendo em todo mundo e, enfim, ela agrediu. Foi pra diretoria, no final ela foi castigada. [...] Aí ela foi expulsa; aí foi nesse dia que eu... Nossa! Quando eu lembro, menino! Eu fiquei com tanto ódio, com tanto ódio, com tanta raiva! Parecia que tinha sido a minha filha sabe [...] Aquilo me doeu! Eu chorava feito uma criança (CF, 2019).

O relato da professora retrata o caso de uma aluna que acompanhou desde o primeiro ano no ensino fundamental que sofria por conta do abandono paterno, e conseqüentemente começou a ficar agressiva. Esse comportamento levou ao rótulo de masculina por professores e colegas. Em autodefesa agrediu fisicamente colegas que a insultavam, ato que culminou em sua expulsão da escola. A professora destacou que alertava a coordenação, direção e demais professores sobre a violência de cunho homofóbico que ela sofria, porém, todos a negligenciaram com impetuoso silenciamento sobre o caso.

Louro (2008) já dizia que “Desprezar o sujeito homossexual era (e ainda é), em nossa sociedade, algo comum, compreensivo, corriqueiro” (p. 57). A autora reforça que essa realidade estaria ligada a negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula, que “acaba por confiná-los às “gozações” e aos “insultos” dos recreios e dos jogos” (LOURO, 2014, p. 72), fazendo com que, eles possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos.

A professora tentou ainda pedagogias, posturas e arranjos institucionais eficazes, como já salientou Junqueira, mas nessa situação não conseguiu desestruturar a lógica homofóbica presente na escola. Em outra passagem, ela relatou que faz “um trabalho de formiguinha” em suas aulas buscando subverter a lógica heteronormativa. Sabe que é difícil, mas não desiste de exercer a pedagogia da diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das narrativas dos sujeitos enquanto partícipes do processo educacional, ora como vítimas violência homofóbica, ora como protagonistas da desconstrução dos paradigmas de gênero e sexualidade pôde se identificar dois modelos de orientação, os quais foram nomeados de: Estado de aprisionamento e Pedagogia da diversidade.

O estado de aprisionamento é relativos às amarras entre o que se é, como se é reconhecido ou valorizado. Trata-se então de demonstrar então como o sujeito se vê e age a partir dessa percepção; e de como as pessoas o veem e passam a tratar-lhe de acordo com essa visão.

A pedagogia da diversidade é relativa à prática docente conscientemente ou não, que se expressa nas ações dos sujeitos e pelo simples fato de sua presença no ambiente escolar como professores gays e professoras lésbicas autoproclamados que possibilitam nova compreensão do sujeito que ensina em atos e discursos de desconstrução de um padrão cobrado, embora falido, mas que ainda faz sofrer. Ensinam o respeito às subjetividades, a empatia pelas dores alheias, a compreender a diferença como elemento positivo que se

complementa na convivência na escola e na sociedade.

REFERÊNCIAS

- BASSALO, L. M. B. Relações de Gênero e o papel da escola. In: STEVENS, Cristina. (Org.). **Gênero e feminismos: convergências (in) disciplinares**. 1 ed. Brasília: ExLibris, 2010, v., p. 137-151.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Floroanópolis, 19(2), mai/ago, p. 549-559, 2011.
- BOHNSACK, Ralf.; WELLER, Vivian. O método documentário na análise de grupos de discussão. In: Weller, Vivian; Pfaff, Nicolle (Org.) **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 67-86.
- BORILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de [et al.]. **Direitos humanos das mulheres e das pessoas LGBTQI: inclusão da perspectiva da diversidade sexual e de gênero na educação e na formação**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas: Estudos gays - gêneros e sexualidades**, Natal – RN, v. 1, n. 01, 27 nov. 2012.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre a sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, n. 05, 2010, p. 17-44.
- SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações Sociais**. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1970.
- SHUTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: Weller, Vivian; Pfaff, Nicolle (Org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 210-222.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teorias do Currículo Uma introdução crítica**. Portugal: Porto Editora, 2000.
- WELLER, Vivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 7, nº 13, jan/jun, p. 206-300, 2005.